



## A CIDADE “AO RÉS DO CHÃO”: OS CARIOCAS E AS CARIOCAS POR SÉRGIO PORTO E STANISLAW PONTE PRETA\*

Cláudia Mesquita\*\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

[claudiamesquitta@gmail.com](mailto:claudiamesquitta@gmail.com)

**RESUMO:** No campo dos estudos sobre a estreita relação entre literatura e, mais especificamente, a crônica jornalística – e a conformação de identidades culturais, este artigo aborda os elementos selecionados pelo cronista Sérgio Porto e seu heterônimo literário Stanislaw Ponte Preta na identificação de um “jeito de ser” carioca. A experiência urbana fez desse autor intérprete de uma nova realidade que se apresentava para o Rio de Janeiro e seus habitantes, no momento de inserção do Brasil na modernidade da segunda metade dos anos cinqüenta e início dos sessenta do século XX, período de transferência da capital federal para Brasília e da criação do estado da Guanabara.

**PALAVRAS-CHAVES:** Identidade – Imprensa – Carioca

**ABSTRACT:** In the study area about the relation between literature and, more specifically, to journalistic chronic – and the resignation of cultural identities, this article is based on researches aiming to show the major role played by the urban chronicler *Sérgio Porto* and his literary pen name *Stanislaw Ponte Preta* in constituting the cultural elements of a “*carioca way of living*”. The urban experiences did of that author an interpreter of a new reality that was presented for *Rio de Janeiro* and his inhabitants, in the moment of insertion of Brazil in the modernity of the second half of the 50s and early 60s of the XX century, when the federal capital was moved to Brasília and the state of Guanabara was created.

**KEYWORDS:** Identity – Press – *Carioca*

O escritor carioca Sérgio Porto (1923-1968) costumava dizer que todo cronista deveria andar a pé ou de ônibus, pois a observação das pessoas comuns, do dia a dia da cidade, era fundamental para a escrita diária. Essa observação aplicada ao exercício jornalístico cotidiano do criador da hilariante família Ponte Preta – e seu principal integrante, Stanislaw –, deu visibilidade aos tipos urbanos que iam surgindo na segunda

---

\* Esse texto foi apresentado no Grupo de Trabalho de História Cultural: “A história cultural e suas interfaces: literatura e artes”, no XXIV Simpósio Nacional da ANPUH, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, julho de 2007.

\*\* Doutora em história social da cultura pelo Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ.

metade dos anos cinquenta do século XX no Rio de Janeiro, desvendando uma cidade moderna e seus personagens risíveis, contraditórios, patéticos e apaixonados.

Na coluna **Stanislaw Ponte Preta** publicada por treze anos (1955-1968) no jornal **Última Hora**, Sérgio Porto descreveu esses tipos urbanos capturados pelas ruas do Rio, ajudando a consolidar um “jeito de ser carioca”, exportado com grande sucesso para todo o país. Iniciativa que aponta para a estreita relação da literatura na conformação das identidades culturais, sobretudo da crônica como um gênero literário muito especial, capaz de falar das coisas miúdas, do cotidiano transitório e efêmero, da vida ao “rés do chão”, como pontuou Antonio Candido.<sup>1</sup>

As redes de sociabilidade formadas pelas classes populares em torno das suas práticas culturais criaram, desde princípios do século XX, seus próprios canais de integração e de construção de uma cidadania possível e alternativa ao projeto republicano europeizante e excludente.<sup>2</sup> As ruas do Rio, como locais de encontro e de intercâmbio entre diferentes grupos e matizes culturais foram responsáveis pela aproximação entre as partes européia e africana da cidade, e pela singularidade da cultura carioca daí decorrente.<sup>3</sup>

A constituição de uma cultura urbana carioca se deu justamente a partir de um movimento de “circularidade cultural”<sup>4</sup> entre manifestações desses grupos excluídos e representantes das elites,<sup>5</sup> dando origem a um campo cultural comum, o qual chamamos identidade. Nas sociedades contemporâneas, inúmeras pessoas transitam por diferentes grupos e domínios sociais, entretanto, certos indivíduos mais do que outros, não só fazem esse trânsito como também desempenham o papel de mediadores, ou viajantes urbanos, para usar a metáfora literária referente à participação de um mesmo indivíduo em “múltiplos mundos sociais e níveis de realidade”.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_; et al. **A crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas / Rio de Janeiro: UNICAMP / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 11.

<sup>2</sup> CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. 6. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 45.

<sup>3</sup> Ver VELLOSO, Mônica Pimenta. **A cultura das ruas no Rio de Janeiro: mediações, linguagens e espaços**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

<sup>4</sup> Ver noção de “circularidade cultural” em GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 25.

<sup>5</sup> Sobre a constituição da cultura urbana carioca em princípios do século XX, ver VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995.

<sup>6</sup> VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. (Org.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2000, p. 20.

O cronista Sérgio Porto, representante da “juventude dourada” dos anos quarenta, é um exemplo de mediador ou “viajante” urbano do seu tempo. Nascido e criado na cosmopolita Copacabana, cruzou a cidade e suas diferentes territorialidades culturais, freqüentando os novos e tradicionais redutos da boemia intelectual, bem como as reuniões dos bambas do samba nos subúrbios e morros do Rio. Seu estreito contato com representantes das manifestações culturais das camadas populares foi de crucial importância para a preservação dessa “comunidade de sentimentos”.

Assim, na qualidade de intelectual do humor, Sérgio Porto foi um “[...] inventor das tradições” cariocas, para usar a noção de Eric Hobsbawm e Terence Ranger,<sup>7</sup> na medida em que esteve envolvido com práticas de natureza simbólica, responsáveis pela fixação de novos valores e normas de comportamento a partir de uma continuidade em relação às tradições culturais da cidade.

A experiência urbana que assinala a obra de Sérgio Porto e de seu heterônimo literário Stanislaw Ponte Preta, fez desse autor intérprete de uma nova realidade que se apresentava para o Rio de Janeiro e os seus habitantes. Suas crônicas diárias representaram um esforço verdadeiramente pedagógico, de interpretação, classificação, seleção, correção, organização e atualização do léxico, tipos urbanos, tradições e as novas bossas de um Rio que deixava de ser a capital federal para se consolidar como capital cultural do país.

O trabalho de Sérgio Porto, nessa perspectiva, esteve imbuído de uma missão que poderíamos chamar de humorístico-pedagógica, na medida em que suas colunas, além de deleitar o público com muita irreverência e humor, tinham o poder de “construir e modelar simbolicamente o mundo”.<sup>8</sup>

A modernidade dos anos 50 produziu um novo tipo de sociabilidade, associada ao aceleração da urbanização e dos meios de comunicação de massa, ao crescimento econômico e a diferenciação de padrões de comportamento, para citar apenas alguns aspectos mais abrangentes deste processo. Fenômenos que produziram uma diferenciação maior dos tipos urbanos, estimulada ainda pelo intenso fluxo migratório de outros estados para a capital federal, e pelo estabelecimento de novas territorialidades culturais na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>7</sup> HOBBSAW, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: \_\_\_\_\_; RANGE, Terence. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

<sup>8</sup> SEVECENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1985, p. 233.

A imprensa carioca dos anos 50 e, particularmente, o **Última Hora**, de Samuel Wainer, não apenas estampou essa nova realidade como também constituiu-se em uma usina de idéias e conceitos. Intérprete dessa cidade em mutação, Sérgio Porto registrou o amplo leque dos perfis urbanos daquela época, compondo da zona norte à zona sul uma cidade heterogênea, feita de contínuos, secretárias, políticos, engraxates, empregadas domésticas, grã-finas, bicheiros, donas de casas, prostitutas, estudantes, padres, vedetes, operários e malandros.

Para além dos personagens reais, encontrados no dia a dia da cidade e transportados para as páginas dos jornais, Sérgio Porto criou na ficção verdadeiros arquétipos dessa identidade em construção, como por exemplo, os membros da família Ponte Preta, formada por Tia Zulmira, a sábia macróbia – matriarca do clã –, Primo Altamirando, o calhorda, Rosamundo, o distraído, entre outros agregados. Todos habitantes de um onírico casarão da suburbana localidade da Boca do Mato, onde Stanislaw costumava circular descontraído comendo suas goiabinhas.

Além desses personagens que, segundo o autor, apenas Tia Zulmira e Primo Altamirando eram de ficção, “... os outros existem mesmo, andam por aí”,<sup>9</sup> Stanislaw dedicou-se a identificar uma grande variedade de tipos urbanos, muitos em via de desaparecer e outros surgidos nesse novo cenário urbano e social, como as famosas “certinhas do Lalau”. Representação da mulher ideal: bem feita de corpo, atraente, desinibida, sensual, vaidosa, muitas vezes fútil, “... paródia do modelo construído para os meios de comunicação de massa, presente na publicidade comercial, fotonovelas, revistas femininas e novelas de televisão”<sup>10</sup> que, apesar dos indícios de um novo tempo, eram predominantemente machistas, de grande apelo ao corpo feminino como o maior atributo da mulher.

Na galeria dos tipos masculinos, “o cigarra” surge como novidade do comportamento padrão do homem classe média da zona sul, sinônimo de “marido cuja mulher vai pra fora no verão”,<sup>11</sup> e o marido fica no Rio a flamar. Segundo o cronista, a inspiração ao mencionado inseto, deve-se “[...] à semelhança de atitudes entre aqueles e

---

<sup>9</sup> Pasta de recortes Sérgio Porto. **Arquivo Plínio Doyle**. Arquivo Museu de Literatura/Casa de Rui Barbosa. s/data.

<sup>10</sup> MORAES, Dislene Zerbinatti. **‘O trem tá atrasado ou já passou’**: a sátira e as formas do cômico em Stanislaw Ponte Preta. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, f. 155.

<sup>11</sup> Ibid.

estes: ambos surgem no verão, ambos desaparecem no inverno, ambos exageram suas alegrias, ambos são espiroquetas, e ambos, acabam entrando bem”.<sup>12</sup>

Ao contrário das cigarras, os “cigarras” não cantam nas árvores, preferem “dar as cantadas numa pista de dança, numa mesa de **night club** ou no assento de seu automóvel quando vai levar a vítima em casa. Isso se o cigarra for do tipo ‘pilantra’”. O seu **habitat**, geralmente, são “**boites**”, bares e clubes, mas pode variar de acordo com a classificação do ‘cigarra’, descrito detalhadamente pelo autor:

Conforme as diversas classificações, os cigarras têm seus ambientes preferidos: o cigarra típico do grupo dos pilantras, quando está na “muda”, torna-se tão audacioso que muitas vezes, passa as noites nos bastidores dos teatros de revista, escondido entre as cortinas de fundo das “**boites**”, numa intimidade forçada com cronistas e vedetes. Audaciosos demais, os “cigarra-pilantras” acabam não pegando ninguém justamente porque querem pegar todo mundo. Ao contrário, porém com os mesmos resultados no fim da noite, os “cigarra-tímidos” vão ao cinema sozinhos, dão uma passadinha na casa de um amigo cuja mulher ficou no Rio, e acabam subindo também para Petrópolis, fingindo cansaço, mas, na verdade, inteiramente desarmados pela excessiva liberdade.<sup>13</sup>

Seus personagens eram descobertos circulando pelas ruas, coletivos, repartições públicas, boates, inferninhos, e morros cariocas. Como os “traficantes de música” que compravam samba de compositores pobres na época do carnaval<sup>14</sup>. Stanislaw também colhia seus tipos nas colunas sociais, como as grã-finhas fúteis freqüentadoras da boate Sacha’s, e nas páginas criminais. Quando tratava do submundo, aproveitava para satirizar o **high-society**, utilizando o bordão do colunista social Ibrahim Sued — “em sociedade tudo se sabe” — ao final das notícias sobre ocorrência policial:

O faxineiro Laci Alves da Silva, de 20 anos, que trabalha no Edifício Rajah, em Botafogo, foi espancado por Jaíra Santos Amorim, funcionária do Ministério da Saúde, distinta que lhe deu diversas tamancadas na cara porque, quando o faxineiro lavava o corredor do prédio, deixou entrar água no apartamento da referida distinta. Depois do socorrido num hospital Municipal, Laci Alves da Silva apresentou queixa ao delegado do 3º Distrito Policial, quando afirmou que teria apanhado mais, caso não corresse. E acrescentou:

<sup>12</sup> MORAES, Dislene Zerbinatti. ‘**O trem tá atrasado ou já passou**’: a sátira e as formas do cômico em Stanislaw Ponte Preta. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, f. 155.

<sup>13</sup> PONTE PRETA, Stanislaw. O Cigarra. REPORTAGEM DE BOLSO. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1956.

<sup>14</sup> Id. O mar não está bom de peixe, mas os traficantes continuam maneirando. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 16 jan. 1959. Tablóide.

– Tive que fugir daquela “funcionária paraíba”.

A essa altura o delegado deve ter perguntado ao faxineiro, como é que ele sabe que Dona Jaíra é “paraíba”. E o faxineiro, naturalmente, deve ter respondido:

Doutor, ora essa! Em sociedade tudo se sabe.<sup>15</sup>

## Tipos urbanos da galeria de Stanislaw Ponte Preta:

### *A mulata*

[...] Mulata capaz de endoidar capelão... Agradeço aos nossos colonizadores lusitanos a boa idéia de ter inventado o produto, tão logo chegaram a esta capitania os primeiros navios negreiros vindos d’África. Obrigado, ancestrais.<sup>16</sup>

### *Crioulo flamenguista*

[...] Lúcio Rangel estava em casa, ouvindo uns discos. Nisso a campanha da porta tocou. Lúcio foi, abriu. Um crioulo vestido com aquela bacanalidade dos rubronegros perguntou: ‘O senhor podia me informar se aí tem uma copeira que atende pelo nome de Brigitte?’

Resposta de Lúcio: ‘Infelizmente estamos em falta’.<sup>17</sup>

### *Português do tipo “entrega a domicílio”*

Na Avenida Copacabana, na altura do Lido, um fuzileiro naval e um português troncudo desses que “entrega a domicílio”, pois tinha saltado de uma bicicleta, para bolachear o inimigo, engalfinharam-se em luta corporal das mais legais, com violenta troca de bolachas, entremeadas com sonoros palavrões. Depois de muito trabalho três guardas (dois Cosmes e um Damião, ou dois Damiões e um Cosme – não pudemos precisar), separaram os litigantes, ocasião em que um dos guardas teve a boa idéia de perguntar porque os dois brigavam.

O português, ainda ofegante, apontou para o inimigo e respondeu:

Esse bestalhão me chamou de Maria Alice.<sup>18</sup>

### *Trocador de ônibus*

Por exemplo: se você mora em Irajá e estiver na Avenida Presidente Vargas, tem que tomar um ônibus, não é mesmo? Vai daí, o ônibus chega e o trocador – que, como todo trocador tem alma de trocador e conseqüentemente, é um sujeito perigoso – passa aí pro distinto uma nota de 50 e...<sup>19</sup>

A Grã-fina

O Rio hospeda um outro marajá... o Marajá de Haroda, que é considerado o maior colecionador de diamantes do mundo. O visitante, segundo as notícias que antecedem ao seu desembarque, viria para uma caçada em Mato Grosso, pois a caçada é o seu esporte favorito. Mas não vai coisa nenhuma. O homem tem diamante até pra

<sup>15</sup> PONTE PRETA, Stanislaw. De hora em hora. **Última Hora**, Rio de Janeiro, 14 out. 1959. Tablóide.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Id. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 16 de jul. 1959. Tablóide.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Id. Pequena explicação de como proceder para não dar sopa aos falsificadores. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 02 de out. 1959.

botar em coleira de cachorro e as grã-finas não vão deixar que um cara “top” desses vá caçar em Mato Grosso. E, como disse Tia Zulmira, ao ler a notícia:– Juro pela barbicha de Tenório como esse camarada vai caçar é no 'Sacha's'. A velha é muito observadora.<sup>20</sup>

### ***Traficante de música***

Tipo que comprava samba dos compositores dos morros cariocas, principalmente na época do carnaval. O hábito chegou a um ponto que o cronista ironizou, dizendo: “E então surgirá a época em que, para vencer o carnaval, o camarada terá que dar o golpe surpresa anunciando aos amigos”:

– Eu tenho um samba pro Carnaval que vai ser um estouro chama-se:

#### **Levanta Brasília, a poeira do chão.**

E quando perguntarem quem vai gravar e defender a música ele responderá com iniludível ar de superioridade:

Juscelino Kubistchek e seus ritmistas de Diamantina.<sup>21</sup>

### ***As “midnight-butterfleis”***

Fecharam a “Boite do Valdir” tendo à frente o próprio secretário de Segurança do Estado do Rio, a cana deu na “Boite do Valdir”– mesmo na nebulosa que a fumaça de maconha provocava no ambiente... Foram presos – na “Boite do Valdir” – além de alguns marginais, as “midnight butterflys” Terezinha, Mariasinha, Umas e Outras, Jane Pouca Roupa, Virgínia e Dulcinea. Ah... é verdade: é o Valdir, naturalmente.<sup>22</sup>

## **O intérprete do falar do povo**

Reforçando a importância do léxico na conformação das identidades culturais, e através do seu permanente contato com a oralidade das ruas, Sérgio Porto foi um estudioso do fenômeno da linguagem, tornando-se também um dos maiores criadores de gírias e neologismos da língua portuguesa de que se tem notícia, incorporando, segundo o filólogo Antenor Nascentes, “mais de mil termos cariocas à língua portuguesa”. Sua fala coloquial, leveza e aparente descompromisso com o vernáculo, característicos de Stanislaw Ponte Preta, tinham como respaldo o trabalho árduo, insone, e silencioso do pesquisador Sérgio Porto.

Autor de **Vocábulos e Expressões da Gíria Carioca em Uso no Ano da Graça de 1965**, Sérgio dividiu com Raul Pederneiras e Antenor Nascentes, o capítulo “O Carioca inventa linguagem”, incluído na publicação **Rio de Janeiro em Prosa e Verso**, organizado por Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade por ocasião do

<sup>20</sup> PONTE PRETA, Stanislaw. De hora em hora. **UH-TB**, Rio de Janeiro, 13 de out. 1959.

<sup>21</sup> Id. O mar não está bom de peixe, mas os traficantes continuam maneirando. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 16 de jan. de 1959.

<sup>22</sup> Id. De hora em hora. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 9 de out. 1959.

IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro.<sup>23</sup> A correspondência trocada entre Sérgio e Drummond na preparação desta publicação, revela a seriedade com que o criador de Stanislav tratava a linguagem popular:

Meu caro Drummond,  
Em primeiro lugar, Feliz Ano Novo... em segundo lugar, desculpe o atraso.

Agora vamos aos fatos: sua idéia de incluir as palavras enviadas é ótima, em página anexa vão as respectivas definições<sup>24</sup>. Quanto a cortes e emendas, como ficou dito, você tem inteira liberdade, permita-me, porém, um reparo: certos verbetes citam outros que foram cortados, como é o exemplo de 'Cucuia', onde cita-se 'beleleu' e, no entanto, esta segunda palavra foi cortada; 'pato', onde cita-se 'otário' que também foi cortado. Você entende? Desde que são citadas essas gírias, ainda que sejam elas um pouco antigas, mas em pleno uso, talvez fosse melhor incluí-las.

Isto você decide e eu deixo aqui as definições para o caso de você resolver a favor da inclusão:

Beleleu: Diz-se da pessoa que morreu. 'Coitadinha da velha, foi pro beleleu'

Pagode: Farra de proporções orientais

Otário: Bobo, cretino, idiota (origem argentina)

As que você propõe incluir, estão – como eu disse – em página anexa. Um grande abraço.

Sérgio Porto.

PS – incluí também “tremendão” que é a mais recente invenção dos entortadores de vernáculo.<sup>25</sup>



Sérgio destaca o caráter efêmero da gíria, afirmando que palavras incorporadas a pouco mais de dez anos no “falar do povo” ficaram esquecidas e em completo desuso, “causando estranheza a quem as ouve”, como “sossega, leão” e “tereré não resolve”, lançando a pergunta: Quem se lembraria de usar agora a interjeição “oleré”, ou a palavra “baita” para designar coisa grande?<sup>26</sup> Ressalta ainda a importância da linguagem coloquial na renovação do vernáculo e a força da repetição nesse processo,

<sup>23</sup> Cf. ANDRADE, Carlos D.; BANDEIRA, Manuel. (Org.). **Rio de Janeiro em Prosa e Verso**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965. v. 5.

<sup>24</sup> Essas são as gírias encaminhadas em anexo por Sérgio Porto: “Boa pedida – Sugestão propícia. Proposta vinda em boa hora; Bulhufas – Que não significa nada, que deu em nada. Êle falou, falou mas eu não entendi bulhufas. Usa-se também sem o “H”, isto é, bulufas; Dar-No-Pé – Fugir; Manerar – Ir com cuidado, tomar precaução;

Pichar – Falar mal, depreciar; Pichador – Maldizente; Tremendão – Sujeito de impressionante capacidade para determinada coisa. Como êle apanha mulher, puxa. Êsse cara é tremendão”

<sup>25</sup> Carta de Sérgio Porto a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1964. Arquivo Carlos Drummond de Andrade. Arquivo Museu de Literatura. Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>26</sup> PORTO, Sérgio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Gíria**. Arquivo Biográfico Sérgio Porto. Arquivo Museu de Literatura. Fundação Casa de Rui Barbosa.

destacando “grã-fina” e “bagunça” como exemplos de palavras que de tanto permanecerem na gíria “... estavam prestes a se tornar vernáculos”.<sup>27</sup>

Como vimos, o caráter modelador da linguagem na constituição das identidades, remete à importância do teatro de revista, da poesia, e da literatura, como instrumentos de transmissão das tradições cariocas a partir do fenômeno lingüístico, colocando Stanislaw na linhagem de Arthur Azevedo, Lima Barreto, João do Rio, Olavo Bilac, Manoel Bandeira e Marques Rebelo, autores que associam a linguagem culta com a fala espontânea, informal e cheia de gírias do povo das ruas, dos morros, da zona sul e dos subúrbios cariocas.

Assim, dentre as tradições formadoras da identidade carioca, o linguajar é o que mais evidencia a importância da cultura popular nesta composição. A música e, principalmente o samba, é o canal por excelência, da oralidade captada por Stanislaw. As composições de Moreira da Silva, por exemplo, inventor do “samba de breque” e conhecido pelo perfil de malandro – são fartamente utilizadas pelo cronista e seus personagens<sup>28</sup> na criação do chamado “carioquês”.

Mediador entre a periferia e a zona sul da cidade, Stanislaw tinha o cuidado de traduzir o significado de alguns ditos populares utilizados em suas colunas, lançando diariamente um desafio aos filólogos através de uma enxurrada de novas gírias e expressões. Para uma classe média, pouco familiarizada com a linguagem popular, Stanislaw tornou-se intérprete desse universo desconhecido e estigmatizado, elaborando glossários anexos ao texto, como na crônica intitulada: “Mais um conto escrito em carioca para botar minhoca na cabeça dos filólogos”.<sup>29</sup>

Chegou boiando no noticiário (1) e foi logo querendo ser escolado (2).  
Os da curriola (3) explicaram que era por causa de que o Oclides tava dando um festival de esculacho (4) na infiel...

– É por causa de que o embaraço (5)?

– Por causa de que parece que ela andou lavando roupa pra fora (6) – comentou aos dois arreglados da fofoca (7).

O que acabara de chegar viu na briga uma oportunidade de impressionar a de Oclides, por quem tinha rabicho (9) já não era de hoje. E então fez o Napoleão (9):

<sup>27</sup> PORTO, Sérgio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Gíria**. Arquivo Biográfico Sérgio Porto. Arquivo Museu de Literatura. Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>28</sup> “A Candinha já morava no assunto”, por exemplo, é expressão usada por Stanislaw a respeito de mulher adúltera, cujo marido enganado é chamado de “Mané Sinhô”, inspirado no samba que diz: “numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais”, e o terceiro era Mané Sinhô”. PONTE PRETA, Stanislaw. De Hora em hora. **TB-UB**, Rio de Janeiro, 11 de ago. 1959.

<sup>29</sup> Id. Mais um conto escrito em carioca para botar minhoca na cabeça dos filólogos. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 04 de nov. 1959.

– Se ele está baixando o cajado na distinta é covardia lá dele e eu vou entrar de coringa (10).

A turma do deixa disso ainda tentou jogar a bola pra **corner** (11) mas Mão de Gato (este o vulgo do personagem) disse que não, que não admitia e meteu uma segunda (12) em direção ao barraco de Oclides, de onde vinha o barulho da briga.

E foi entrar e gritar para os participantes em litígio:

– Você aí, ó capiau (13) – tira a mão do material (14)

Acontece que Oclides era guia de necrotério (15) e nem quis ouvir o resto. Partiu pra cima do coringa como quem vai bater um pênalti e sacudiu-lhe uma pra valer no pé do ouvido. Sem tempo para desviar, Mão de Gato padeceu em decúbito dorsal e tudo acabou ali mesmo, com Oclides indo à missa (16) com a ex-bolacheada, saindo, em seguida para umas e outras (17), disposto mesmo a ressonar no asfalto (18).

(1) – Boiando no noticiário – Sem saber qual o assunto.

(2) – Ser escalado – ficar ciente.

(3) – Curriola – Turma.

(4) – Festival de esculhacho – Surra.

(5) – Embaraço – Briga.

(6) – Lavando roupa pra fora – Traindo o amante.

(7) – Arreglados da Fofoca – Condizentes com os boatos.

(8) – Rabicho – Simpatia.

(9) – Napoleão – Valente.

(10) – Coringa – Que entra em qualquer parada.

(11) – Jogar a bola pra corner – Mudar de assunto.

(12) – Meteu uma segunda – Foi em frente.

(13) – Capiau – Boboca.

(14) – Material – Mulher.

(15) – Guia de Necrotério – Criminoso de morte.

(16) – Indo a Missa – Fazendo as pazes.

(17) – Umas e outras – Tomar cachaças.

(18) – Ressonar no asfalto – Beber até cair na sarjeta<sup>30</sup>



Assim, ao longo da sua atuação como jornalista do humor, Sérgio Porto e seu heterônimo Stanislaw dedicaram-se a definir um modelo de carioca típico, levando-nos a concluir que esse “jeito de ser” é fruto, sobretudo, da imprensa escrita, cuja composição resultaria da interseção do morro com o asfalto e da cultura das classes subalternas com as elites.

Ainda de acordo com Sérgio Porto, a linguagem carioca seria a coloquial, repleta de gírias e neologismos, velozmente criados e postos em desuso. Sua fala estaria intimamente associada à oralidade popular, da qual a cultura carioca, como um todo, é também tributária, e sua sobrevivência dependeria fundamentalmente das ruas da

<sup>30</sup> PONTE PRETA, Stanislaw. Mais um conto escrito em carioca para botar minhoca na cabeça dos filólogos. **TB-UH**, Rio de Janeiro, 04 de nov. 1959.

cidade, pois definido pela sua grande capacidade de mediação, é no espaço público que a identidade carioca se realimenta dessa diversidade urbana da qual é constituída.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)